

## A passagem da Princesa Isabel em Aparecida

Conceição Borges Ribeiro Camargo

A história de Aparecida do Norte é cheia de poesia, e beleza e o passado enfeita o presente, emoldurando com a luz da Fé e do Amor.

Trazemos hoje uma página, onde os fatos se encadeiam como elos de uma corrente de ouro guardando a cidade.

“Entre os inúmeros devotos de Nossa Senhora Aparecida, crentes de seu poder de sua magnanimidade, que se ajoelharam aos seus pés, conta-se que esteve o próprio Dom Pedro, quando de sua viagem a São Paulo, em 1822. Afirma-se que ele aqui estivera, fizera as suas preces e com estas o voto de proclamar Nossa Senhora Aparecida Padroeira do Brasil, se corresse à feição os acontecimentos de São Paulo.

É bem de assinalar que a proclamação oficial da Independência do Brasil teve exatamente a data de 8 de setembro de 1822, dia de Nossa Senhora.

Independentemente de decretos oficiais já hoje ninguém poderá contestar que lhe cabe de direito o título de Padroeira do Brasil, conferido pelo coração da grande maioria dos brasileiros.

Qualquer ato governamental seria apenas sanção para o decreto da alma brasileira”. (do discurso do Dr. Wenceslau Braz)

As romarias constituem o aspecto lindo e sentimental do culto a Nossa Senhora Aparecida.

Em Aparecida o culto é lírico, místico e cheio de Fé.

Romarias cantantes em grupos alegres.

Iniciaram-se com a nova dos milagres de Nossa Senhora surgida no rio Paraíba em outubro de 1717 e ecoaram pelas serranias as graças que Ela concedia.

E começaram a afluir romarias; poucos peregrinos e depois a pé, a cavalo em tropas, em carros de boi e romarias com sacerdotes, magistrados, Imperador, Altezas Imperiais, religiosos, militares, etc.

A Princesa Imperial Dona Isabel esteve visitando Nossa Senhora Aparecida.

Temos, por meio de documentos, duas datas, duas visitas da Princesa Isabel à Nossa Senhora Aparecida.

Em “Excursão à Província de São Paulo” de Isabel Condessa d’Eu, há efemérides das viagens do Conde d’Eu na Província de São Paulo.

E anotamos: 1868.

“Regressando com a Princesa Imperial Da. Isabel, de Águas Virtuosas de Campanha, em Minas Gerais, onde foram fazer uso das águas, visitam, a 8 de dezembro, após etapas em vilas paulistas, a então Capela da milagrosa Nossa Senhora da Aparecida, feita padroeira do Império por D. Pedro I. A 1º de janeiro de 1869, os Condes d’Eu regressam à Corte passando por Taubaté, Pindamonhangaba e Guaratinguetá.”

A passagem por Guaratinguetá de Suas Altezas Dona Isabel e o Conde d’Eu, no dia 7 de dezembro de 1868, está no livro 12 de Vereanças, folha 15 da Câmara dessa cidade, onde o Visconde de Guaratinguetá, Francisco de Assis e Oliveira Borges, comunicava em sessão realizada no dia 3 de novembro:

- tem de passar por esta cidade na primeira quinzena do próximo futuro mês Suas Altezas e a Sereníssima Princesa Imperial e seu Augusto Esposo Conde d’Eu – e na comunicação, todas as providências pelo faustoso acontecimento, inclusive “oficiar ao Reverendíssimo Vigário e o mestre da Capela, para celebrar um *“Te Deum laudamus”* no dia da chegada e afixar o Edital convidando o povo e também pedindo orçamento provincial para a feitura da ponte e estrada até a Capela”...

Ficou encarregado de fazer a estrada, Antônio Eleutério Aguiar das Rosas sob a administração do Padre Benedito Teixeira da Silva Pinto.

No “Santuário de Aparecida”, de 10 de dezembro de 1921, encontramos: - Dona Isabel, devota de Nossa Senhora Aparecida.

“Corria o ano de 1868, quando dois ilustres romeiros vieram visitar a Capela de Nossa Senhora da Conceição Aparecida.

A velha Capela, situada no alto do pitoresco Morro dos Coqueiros, revestiu-se de uma nova pintura, começada em 20 de julho de 1867, terminada em 2 de novembro de 1868, para a qual foram gastos cinco contos e duzentos mil réis. Servia de Capelão o muito estimado Padre Antonio Leite Godói, a quem sucedeu no mesmo cargo o distinto Padre Guido Antônio de Paula e Silva, a 20 de novembro de 1868.

Prestava os serviços de sacristão o senhor Anastácio Pinto Soares. Ocupava o cargo de tesoureiro o Reverendíssimo Padre Antônio Luiz dos Reis França.

Costumava-se celebrar com muita pompa a então única festa de Nossa Senhora, no dia 8 de dezembro.

Com indescritível entusiasmo foi recebida a notícia da chegada em Aparecida de suas Altezas Imperiais: Dona Isabel e seu marido Conde d'Eu, no dia 7 de dezembro daquele ano.

Lê-se no livro Contas de Receita e Despesa o seguinte: "623\$500, despesa feita de sedas e veludos e outros preparos comprados por Antônio Pereira Gomes para o Camarim dos Príncipes na Capela por ocasião de sua assistência na festa de Aparecida. Além de que o tesoureiro gastou 47\$380 de preparos fornecidos por Domingos Antonio de Moraes para o Camarim de Sua Alteza Imperial e seu Augusto esposo por ocasião de sua visita à Capela.

De fato, assistiram ao último dia da novena e à própria festa de Nossa Senhora, nos dias 7 e 8 de dezembro de 1868, Dona Isabel e o Conde d'Eu. Por motivo deste fato singular nomeou a Mesa Administrativa a Suas Altezas festeiros para o ano seguinte como consta das Atas das sessões da Administração.

"Dezembro 8 – Houve Sessão da Mesa Administrativa para o fim de proceder-se à eleição e nomeação dos festeiros para festejarem a mesma Senhora em o ano próximo futuro de 1869.

Deliberou a mesa por unanimidade de voto nomear a Suas Altezas, a Princesa Isabel e seu Augusto espôso Dom Luiz, Conde d'Eu.

Deliberou mais que se oficiasse ao Senhor Secretário de S. A., a fim de levar-lhe ao conhecimento."

Assim é que Suas Altezas foram os últimos festeiros da Festa tradicional de Nossa Senhora, visto como de ora avante a Mesa Administrativa encarregou-se de fazer a dita Festa. Com efeito, no dia 7 de dezembro de 1869 foi realizada uma sessão extraordinária para o fim "de deliberar sobre a festa de Nossa Senhora Aparecida no ano próximo futuro; nela foi a Mesa do parecer que ora em diante a festa de mesma Senhora Aparecida fosse feita pela Mesa Administrativa e à expensas dos rendimentos da mesma Senhora Aparecida com prévia autoridade do senhor Doutor Juiz Provedor."

No mesmo jornal "Santuário de Aparecida", no dia 12 de fevereiro de 1921, encontramos:

"Dezembro 7 – chegada da Princesa Imperial Dona Isabel e seu marido o Conde d'Eu à cidade de Guaratinguetá. É impossível descrever o entusiasmo e o regozijo do povo ao receber essa notícia.

O senhor alferes Antônio José dos Santos, testemunha ocular, dá a seguinte narração quando da chegada em Aparecida:

" – Dona Isabel e o Conde d'Eu chegaram à Capela às 6 horas da tarde para assistirem à novena da festa de Nossa Senhora. Vieram a cavalo com uma grande comitiva. Chegados que foram à Capela, dizem que Dona Isabel deu naquela ocasião à Nossa Senhora um riquíssimo manto com vinte e um brilhantes no valor de 18 contos de réis."

E através de documentos, de dados da história aparecidense, contamos:

No alto da colina, a Princesa foi recebida, solenemente, por crianças vestidas com todo o mimo, que a saudaram com pétalas de rosas. Entre as crianças estavam aquelas que seriam as futuras madonas aparecidenses: dona Maria do Carmo de França Barreto, dona Maria Amélia Chagas, dona Rita de Cássia Vilela da Costa e outras.

A Princesa entrou na Igreja, orou e na Praça foi saudada por um escravo de nome Antônio, que ficara aos serviços do Padre Joaquim Pereira Ramos e que tocava perfeitamente o trombone, daí ser conhecido por – Antonio trombonista – que sabendo da real visita, preparou um belo número em trombone de vara. Tocou um solo fazendo as graduações com os dedos do pé. Executou com tal perfeição, que o Conde o abraçou e a Princesa, querendo que o músico a guardasse em sua lembrança, porque na lembrança ela o levaria, deu-lhe um lençinho de seda – lençinho que talvez no canto, trouxesse uma coroa bordada.

E Antonio trombonista, convidado pela Princesa, foi tocar no baile que em sua homenagem foi realizado na casa do Visconde, em Guaratinguetá, em cujo solar os ilustres visitantes estavam hospedados.

Dizem que Antônio trombonista seguiu para Vila Rica, hoje Ouro Preto, estudando às expensas da Princesa e consta que foi para a Europa.

Estamos lendo o Diário de "Excursão à Província de São Paulo", da nossa Sereníssima Princesa.

Notas tomadas durante a viagem, acentuando o poder descritivo de templos, escolas, fazendas, hospitais, revelam um estudo da nossa gente e dos nossos costumes. O Diário é datado de 1884, extraído de cartas dirigidas a Dom Pedro II. É de grande importância histórica, levando-se em conta as informações obtidas por Ricardo Gumbleton Daunt, que anexadas ao mesmo, deram maior brilho à leitura.

A Redentora esteve em Aparecida, quantas vezes? Duas, três?

No dia 5 de novembro de 1884, chega a Lorena, sendo fidalgamente recebida pelos Condes Moreira Lima; entre outras visitas destacamos as que fez à igreja de São Benedito, de taipa e pilão, ao Engenho Central e à grande gameleira.

Dia 6, deu-se a partida, às 11 horas.

"Parada em Guaratinguetá, parada para subir à Capela de Nossa Senhora Aparecida, fazer oração; parada em Pindamonhangaba e Taubaté. Acolhimento muito amigável e simpático por tôda parte."

Abre-se agora a página mais linda da história de Aparecida.

Quem entra na Sala dos Milagres, na Galeria do Hotel Recreio, ao lado da Basílica, encontra uma grande corrente na parede e reza a crônica do Santuário, que no ano de 1857, um escravo fugiu de Curitiba e veio para Bananal, neste Estado, sendo preso e algemado. Ao passar pela Capela de Aparecida, pediu ao feitor licença para ver Nossa Senhora Aparecida. O feitor, renitente, nega – porém, condoído, consente. E ao fazer o seu pedido de clemência, de liberdade, o escravo se ajoelha e ergue os braços algemados e faz a prece – e a corrente cai, tinindo no chão! Foi um dos conhecidos primeiros milagres de Nossa Senhora Aparecida a correr pelas vilas vizinhas, pela província e hoje está pintado no forro da Basílica Nacional e feito em artístico trabalho de madeira, em estilo da época, pelo artista Chico Santeiro, para o “Museu Nossa Senhora Aparecida”.

A Princesa Imperial Dona Isabel, também teve na cantada ladeira de Aparecida, o mesmo gesto maternal para com um escravo.

Quando houve o milagre, todo o escravo tinha esperança. E veio um, esperando a mesma graça de Nossa Senhora Aparecida.

Conseguindo do feitor entrar na Capela, rezou, fazendo o mesmo pedido.

Mas a corrente não se abriu.

Ele rezou tristemente e cheio de Fé.

Levantou-se e descendo a antiga rua da Calçada, hoje ladeira Monte Carmelo, viu a comitiva da Princesa.

O escravo ajoelhou-se e pediu a bênção e misericórdia. E ela ordenou fosse o escravo posto em liberdade. As algemas caem pela segunda vez diante da Capela, por aquela que seria Redentora de todos os escravos do país.

As duas Rainhas, do céu e da pátria, tiveram para com o escravo o mesmo gesto de Amor.

Na sua passagem por Aparecida, a Princesa Isabel em sua primeira visita, dá o seu lençinho a um escravo músico e o protege – na segunda visita liberta um escravo.

E “Atas da Capela de Nossa Senhora Aparecida”, data de 4 de janeiro de 1750, há o seguinte:

- Um órgão – um relógio de parede – uma caldeirinha de cobre. E mais: Escravos – 1 – Boaventura, mulato, que terá quarenta e quatro anos, organista.

Nossa Senhora Aparecida foi encontrada em 1717; em 1745, primeira missa e bênção da Capela construída no alto do morro, hoje local da Basílica; Em 1750 Boaventura escravo, era organista.

Um escravo teria sido o primeiro organista de Nossa Senhora Aparecida?!

Quando houve o milagre do escravo que descrevemos acima, o capanga que o acompanhava pediu ao Capelão de Nossa Senhora Aparecida, Padre Antonio Luiz de França Reis, que lhe desse um atestado sobre o acontecido e obtendo levou ao fazendeiro em Curitiba. Este surpreendido, escolheu mais dois escravos, Lúcia Belin e João Belin e fez dos três presente a Nossa Senhora Aparecida.

Zacarias, que foi o milagrosamente salvo, Lúcia e João viveram longos anos neste local, como descreve Padre Oto Maria em “Pontos Históricos com relação a Nossa Senhora Aparecida”.

O mesmo Padre Oto Maria no “Santuário de Aparecida” de 14 de janeiro de 1922 continua, que se deliberou “em contratar José Pires de Almeida, para servir de organista nas missas que se celebravam nos dias de sábado em louvor a Nossa Senhora Aparecida, mediante a gratificação de dois mil réis, quando não possa ser por cada uma das ditas missas visto que o escravo da mesma Capela João Belin” e mais adiante “não poder continuar como até aqui tocando órgão”.

Minha avó Maria das Dores do Prado Borges, falecida nesta cidade aos 12 de agosto de 1957, com 87 anos de idade, dizia sempre que conheceu João Belin. Que o escravo tocava a ladainha de Nossa Senhora com um dedo da mão direita, enquanto a esquerda fazia ligeiro acompanhamento. Depois era o contrário: apenas tocava o acompanhamento com um só dedo enquanto que a mão direita fazia nascer os mais belos acordes. Um escravo foi organista de Nossa Senhora Aparecida.

Na cadeia dos fatos da antiga Capela, é o escravo, é a Princesa, traços de união para a beleza eterna das coisas.

Procuramos ouvir alguém que nos contasse algo da Princesa em Aparecida e colhemos mais esta passagem de Antonieta Maria Portes, com 87 anos de idade e atualmente residente no Campo do Galvão, em Guaratinguetá.

Antonieta, inteligente e de leitura, disse-nos que se recorda vagamente da Princesa, quando passava na Estrada de Guaratinguetá à Aparecida e vamos ouvi-la:

— Estava no meio do caminho que se chamava estrada real e que liga a Matriz de Santo Antônio à Capela de Aparecida em companhia de minha mãe (que sempre repetia a história da Princesa) e de diversas escravas dentro do cafezal.

Quando vimos a comitiva todos se ajoelharam e de mãos postas pedimos a bênção.

A princesa sorriu, agradeceu filhinhos de escravos e atirou moedinhas de ouro. Um dos integrantes da comitiva, em seu belo cavalo, se adiantou mais, retirando uma orquídea roxa que florescia em um pé de café.

Então o marido da Princesa, um Príncipe alto e esbelto, aceitou a flor e colocou-a na veste real da Princesa, colocando outra em si mesmo, gesto que foi imitado por todos.

Levaram muitas mudas e dizem que até hoje ainda existem, na Quinta da Boa Vista, orquídeas do caminho de Guaratinguetá à Aparecida.

A Família Imperial Brasileira sempre esteve aos pés de Nossa Senhora Aparecida, mantendo relações de amizade com os Redentoristas, Padre Francisco Wand, Padre Estevam Maria, Padre Valentim Mooser, tendo os “Ecos Marianos” por diversas vezes noticiado a visita de Suas Altezas à Basílica Nacional, inclusive com uma fotografia tirada na porta do Convento onde vemos o Padre Antonio Ferreira de Macedo, hoje Dom Antonio Ferreira de Macedo, Bispo Auxiliar de São Paulo e Primeiro Vigário Geral de nossa arquidiocese, ao lado dos Príncipes.

No citado “Santuário de Aparecida”, de 12 de fevereiro de 1921, após o relato da visita da Princesa Isabel e o Conde d’Eu a esta Capela, lemos: “Se agora o Conde d’Eu nos tivesse dado a alta honra de sua visita, o que era impossível, o povo aparecidense o teria acolhido com o mesmo júbilo que no ano de 1868. Entretanto fazemos votos a Nossa Senhora que lhe conceda próspera viagem de regresso da Europa. Tanto mais que o Revdmo. Vigário da Basílica Padre Estevam Maria compartilha a honra de viajar com ele no mesmo vapor, com destino a Roma. Nossa Senhora acompanhe os dois ilustres viajantes!”

E faleceu a nossa Princesa Isabel!

No “Santuário de Aparecida”, dia 19 de novembro de 1921, em sua primeira página:

Isabel, a Redentora

“Telegramas de Paris trazem a notícia contristadora da morte da Princesa Dona Isabel, a Redentora, filha do último Imperador do Brasil, Dom Pedro II.

Nasceu a 29 de julho de 1846, e casou-se aos 18 anos, com Dom Luiz Felipe Gastão D’Orleans, Conde d’Eu. Por três vezes governou o Brasil como regente na ausência de seu pai e na terceira vez assinou a lei áurea que aboliu a escravidão e pela qual recebeu o nome de Redentora. Todo o Brasil votava-lhe sincero amor e entusiasmo e, quando a revolução de 1889 a obrigou a deixar o Brasil junto com seu pai, não se apagou sua lembrança no espírito do povo. Especialmente no dia 13 de maio seu nome era constantemente lembrado junto com a lei que livrou o Brasil de um dos seus maiores males.

Agora após 32 anos de desterro, faleceu em Paris, onde morou desde a sua partida.

Era a Princesa Dona Isabel muito piedosa, um exemplo vivo para seu povo. Ela também foi muito devota de Nossa Senhora Aparecida. Aqui esteve uma vez, cumprindo nessa ocasião uma piedosa promessa a Nossa Senhora; doou também uma coroa de ouro, a mesma que serviu na coroação de Nossa Senhora. Ainda no seu exílio não deixou de interessar-se pelas festividades do movimento religioso de Aparecida, especialmente desde o ano da coroação.”

Consta que a coroa de ouro ofertada era na forma de globo com uma cruz, toda cravejada de brilhantes.

Ainda no citado “Santuário de Aparecida” de 10 de dezembro de 1921, no final do artigo dedicado à Princesa Isabel:

— “É, pois, um dever de gratidão que o povo de Aparecida cumpre ao lembrar-se de um modo especial da falecida Princesa Dona Isabel. Como fervorosa devota de Nossa Senhora Aparecida ela deu a este lugar a distinta honra de sua visita no ano de 1868 e aceitou de mui boa vontade a nomeação para servir-se festeira no seguinte ano de 1869.

Por esta razão será celebrada a Missa do trigésimo dia nesta Basílica, a 14 do corrente mês, por alma da inesquecível Dona Isabel.”

Laços de amizade uniram também a Família Imperial à Família do Comendador Augusto Marcondes Salgado, que foi tesoureiro da Basílica Nacional e residente, por largos anos, nesta cidade.

No dia 9 do mês de maio do corrente ano de 1963, comemorou-se o centenário de nascimento da ilustre dama Dona Maria Antonieta César Salgado, descendente das mais ilustres famílias de Pindamonhangaba, neta dos Viscondes de Guaratinguetá e casada com o Comendador Augusto Marcondes Salgado, ambos falecidos.

No jornal “Folha de São Paulo”, do mesmo dia, noticiando a efeméride, estampa uma fotografia tirada há anos em Aparecida, onde o Príncipe Dom Pedro de Orleans e Bragança e sua esposa Dona Maria Elizabete de Orleans e Bragança, e seus filhos príncipes e princesas ladeiam Dona Antonieta Salgado e família, no portão de sua residência.

Faleceu a nossa Princesa Isabel!

Aparecida do Norte foi, talvez, a única cidade do Brasil que enviou um escravo para a chegada dos despojos da Princesa Isabel, em julho de 1953, no Rio de Janeiro.

Por nossa iniciativa e com a cooperação do Prefeito Sólon Pereira, foi que Valério Manuel Francisco esteve no Rio, havendo oportunidade para uma interessante entrevista em o jornal “A Noite”, ainda com o respectivo retrato do preto velho e sorridente. Faleceu Valério há três anos, com 115 anos de idade.

Na cadeia dos fatos da antiga Capela de Aparecida o escravo e a Princesa são traços de união que atingem o encanto da história aparecidense.

Quando em 1958 completou o “Ano 70 da Abolição” fizemos com o professor José Luiz Pasin e com a cooperação de Vicente Camargo, uma exposição referente à data, contendo objetos da época, documentos, louça, capas e bordados do império, algemas e instrumentos de escravos, no Ginásio La Salle, sob a direção de Irmão Vítor Sebastião. Parte do material histórico foi cedido pelo tabelião Benevides Beraldo.

Às 7 horas foi celebrada missa na Basílica Nacional por intenção da Princesa Isabel e compareceram nas homenagens, o nosso Valério Manuel Francisco e a veneranda senhora Dona Rita de Cássia Vilela da Costa, com 97 anos, recentemente falecida e que jogou pétalas de rosa na Princesa, quando a comitiva real esteve na Capela de Aparecida.

E aguardamos a data de hoje, “Ano 75 da abolição”, bodas de diamante, oferecendo esta página para a História de Aparecida e agradecemos à Família Imperial de Petrópolis, do Palácio Grão-Pará, o cartão de Boas Festas que nos tem enviado, assinado por Dona Esperanza de Bourbon de Orleans e Bragança e por Dom Pedro.

Está se erguendo em Aparecida, o Palácio da Rainha do Brasil, que no dia 8 de setembro de 1904, foi coroada com a mesma coroa ofertada pela Princesa Isabel.

E à Praça situada na confluência de três ruas, junto da Praça das Comemorações onde está a nova Basílica de Nossa Senhora Aparecida, por um projeto de lei substitutivo número 331, no dia 21 de agosto de 1957, do vereador Aziz Chad, então Presidente da Câmara, é chamada Praça Princesa Isabel.

Na história de Aparecida, o escravo é um poema de Fé e a Princesa Isabel um poema de Amor!

Aparecida do Norte, 13 de maio de 1963.